



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE FILOSOFIA

ORLANDO PINHEIRO DE OLIVEIRA

**O CONCEITO DE SER HUMANO E OS RISCOS DE DESUMANIZAÇÃO DO
PRODUTIVISMO MODERNO EM HESCHEL**

FORTALEZA

2025

ORLANDO PINHEIRO DE OLIVEIRA

O CONCEITO DE SER HUMANO E OS RISCOS DE DESUMANIZAÇÃO DO
PRODUTIVISMO MODERNO EM HESCHEL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Filosofia da Universidade
Federal do Ceará como requisito à obtenção do
grau de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Professora Dra. Francisca Galileia
Pereira da Silva

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O48c Oliveira, Orlando Pinheiro de.
O conceito de ser humano e os riscos de desumanização do produtivismo moderno em Heschel / Orlando Pinheiro de Oliveira. – 2025.
40 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Filosofia, Fortaleza, 2025.
Orientação: Profa. Dra. Francisca Galileia Pereira da Silva.
1. Antropologia filosófica. 2. Desumanização. 3. Espiritualidade. 4. Abraham Joshua Heschel. 5. Modernidade. I. Título.

CDD 100

ORLANDO PINHEIRO DE OLIVEIRA

O CONCEITO DE SER HUMANO E OS RISCOS DE DESUMANIZAÇÃO DO
PRODUTIVISMO MODERNO EM HESCHEL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Filosofia da Universidade
Federal do Ceará como requisito à obtenção do
grau de Bacharel em Filosofia.

Aprovado em 29/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Francisca Galileia Pereira da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Ma. Suelen Pereira da Cunha
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Narcélio Ferreira de Lima
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

Aos meus pais, Antonia e Leonis, que me ensinaram, com gestos simples e fé silenciosa, a dignidade do ser humano e o valor da escuta diante do mistério.

AGRADECIMENTOS

À Deus, obrigado por me apresentar os encontros certos e as despedidas necessárias, compondo a minha humanidade na jornada acadêmica.

À Universidade Federal do Ceará, que me fez entender que “grupo de estudo” é um conceito muito flexível que inclui amigos, risos, lágrimas e, às vezes, estudo.

Aos professores que me acompanharam ao longo do curso e que, com empenho, se dedicam à arte de ensinar, aos que faço questão de mencionar, dado tamanho exemplo de humanidade e profissionalismo, Francisca Galileia, Cicero Cavalcante, Emanuel Germano, Ursula Matthias, Hugo Filgueiras, Orlando Luiz, suas palavras e ensinamentos nutriram minha humanidade e me fortalecem com suas presenças.

Ao Programa de Educação Tutorial, PET-UFC, o qual sou membro desde 2023, me possibilitando qualidade de pesquisa, estrutura de ensino e desenvolvimento das minhas capacidades acadêmicas, especialmente ao apoio do nosso tutor Prof. Dr. Hugo Filgueiras.

À banca examinadora, que prontamente aceitou ao convite, a Prof.^a Galileia que assumiu a orientação desta pesquisa, Profa. Ma. Suelen Pereira e Prof. Me. Narcélio Lima com grande solicitude, enobrecem este trabalho com sua presença e colaborações.

Aos grandes e queridos amigos, que me suportaram de todas as formas, me impedindo de andar sozinho e que caminharam ao meu lado me fornecendo estima, apoio e segurança.

Aos meus pais e família que trilharam um longo caminho de humildade e muito trabalho, promovendo a mim uma educação e formação únicas.

Ao Instituto Religioso Nova Jerusalém, o qual eu pertenci no status de formando de 2018 a 2022, aos irmãos consagrados na vida religiosa que proporcionaram a mim a compreensão do ser humano em sua dignidade e a oportunidade de ter “topado com Deus” e com o autor de minha pesquisa Abraham Heschel.

À Dra. Maria José que me ensinou pacientemente que: “Deus não trai nossa esperança”, minha grande amiga, pelo apoio e pelo abrigo. Sua humanidade me atravessa e me faz querer ser melhor a cada dia.

“Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom” (Gênesis 1,31)

RESUMO

Este trabalho investiga o conceito de ser humano a partir da filosofia de Abraham Joshua Heschel (1907-1972), focando os riscos de desumanização provocados pela racionalidade técnica e pelo produtivismo moderno. A pesquisa sustenta que a absolutização da técnica e a negligência da espiritualidade desfiguram a integralidade da existência humana. Utiliza-se abordagem hermenêutico-fenomenológica, o estudo analisa as obras Deus em busca do homem (1975) e O homem não está só (1974b), articulando-as à crítica da modernidade e à proposta ética e espiritual hescheliana. O primeiro capítulo explora a concepção de humanidade em Heschel, destacando a abertura ao mistério, a cocriação e a reverência como dimensões constitutivas do ser humano. No segundo capítulo, o autor examina a crítica à modernidade tecnocrática, apontando a fragmentação do tempo, a banalização da vida e a perda da interioridade como sintomas de uma crise espiritual. O terceiro capítulo propõe a espiritualidade como caminho de reumanização, por meio da *teshuvá* (retorno), do autodiscernimento e da revalorização da imagem divina no ser humano. O estudo conclui que a antropologia hescheliana oferece uma alternativa ontológica e ética à desumanização contemporânea, ao recolocar o sagrado no centro da experiência humana e promover uma espiritualidade ativa, sensível à justiça e à dignidade do indivíduo.

Palavras-chave: Antropologia filosófica; desumanização; espiritualidade; Abraham Joshua Heschel; modernidade.

ABSTRACT

This work investigates the concept of human beings through the philosophy of Abraham Joshua Heschel, focusing on the risks of dehumanization caused by technical rationality and modern productivism. The research argues that the absolutization of technology and the neglect of spirituality disfigure the integrality of human existence. Using a hermeneutic-phenomenological approach, the study analyzes the works "God in Search of Man" and "Man Is Not Alone," connecting them to the critique of modernity and Heschel's ethical and spiritual proposal. The first chapter explores Heschel's conception of humanity, emphasizing openness to mystery, co-creation, and reverence as constitutive dimensions of the human being. In the second chapter, the author examines the critique of technocratic modernity, highlighting the fragmentation of time, the trivialization of life, and the loss of interiority as symptoms of a spiritual crisis. The third chapter proposes spirituality as a path to rehumanization, through *teshuvah* (return), self-discernment, and the revaluation of the divine image in humans. The study concludes that Heschel's anthropology offers an ontological and ethical alternative to contemporary dehumanization by placing the sacred at the center of human experience and promoting an active spirituality, sensitive to justice and dignity of individual.

Keywords: Philosophical anthropology; dehumanization; spirituality; Abraham Joshua Heschel; modernity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. COMPREENSÃO DE SER HUMANO EM HESCHEL.....	13
2.1. A condição humana: Entre a contingência e o inefável.....	13
2.2. O mistério e a condição humana: Reflexões à luz do pensamento hescheliano.....	15
2.3. Entre o inefável e a ação: A singularidade na humanidade.....	16
3. A DESUMANIZAÇÃO COMO EFEITO DA INDIFERENÇA: A CRÍTICA HESCHELIANA À MODERNIDADE.....	19
3.1. A degradação da humanidade: A crítica hescheliana ao produtivismo moderno.....	19
3.2. O esquecimento do sagrado como elemento da Desumanização.....	22
3.3. O inefável como antídoto à desumanização na filosofia de Abraham Heschel.....	25
4. A ESPIRITUALIDADE COMO CAMINHO DE REUMANIZAÇÃO: A TESHUVÁ E O AUTODISCERNIMENTO NA SUPERAÇÃO DA INDIFERENÇA MODERNA NO PENSAMENTO DE HESCHEL.....	28
4.1. Espiritualidade e reumanização: A atualidade da Teshuvá na obra de Heschel.....	28
4.2. Do maravilhamento à ação: A espiritualidade hescheliana como projeto ético para o mundo contemporâneo.....	31
4.3. Autodiscernimento e imagem divina: A redescoberta do humano em Heschel.....	34
5. CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

A história humana, marcada pela inquietação acerca da própria identidade, atravessa culturas, mitologias e sistemas filosóficos. Na literatura grega antiga, Sófocles em *Antígona* afirmou: “πολλὰ τὰ δεινὰ κούδὲν ἀνθρώπου δεινότερον πέλει.”¹ (Sófocles, 2002, p. 78), que a humanidade é *δεινὰ*, expressa aquilo que é simultaneamente admirável, espantosa e terrível, algo que causa maravilha e inquietação ao mesmo tempo. Já Aristóteles definiu o ser humano como “ζῷον πολιτικόν” (Aristóteles, 1985, 1253a) em grego significa animal social, constituído de capacidades sociais e comunitárias, enquanto uma das tradições indígenas brasileiras o veem como parte viva e indissociável da natureza, a tradição *Desana-Kéhiripõrã* do alto rio Negro-Amazonas, a humanidade emerge da mesma trama da vida que animais, plantas, rios e espíritos, todos são entidades interligadas que compartilham ancestralidade e destino. A modernidade técnica, finalmente, apresenta o ser humano produtivo e funcional, reduzido à eficácia de suas ações.

Esta multiplicidade de visões revela não apenas a complexidade do conceito de ser humano, mas também a fluidez com que ele se reorganiza conforme o tempo, a linguagem e os valores dominantes. A antropologia filosófica, a literatura, a teologia e a arte, cada qual a seu modo, modelaram narrativas que ora divinizam, ora banalizam essa figura singular que sente, pensa, age e sonha. Dos arquétipos míticos às teorias pós-modernas, o humano foi visto como imagem de Deus, *homo faber*, sujeito de desejo, ser-para-a-morte, ou, ainda, como vazio por preencher. Essa tensão entre finitude e transcendência constitui o drama da humanidade, cuja definição permanece inacabada, como uma pergunta aberta ao infinito.

Neste cenário, o pensamento de Abraham Joshua Heschel (1907-1972) se ergue como voz dissonante e profética. Em meio ao ruído da razão instrumental e ao desencanto das narrativas tecnicistas, Heschel recoloca a espiritualidade no centro da reflexão antropológica. Ele não busca definir o humano de forma exaustiva, mas reconectar a existência com sua dimensão sagrada, perdida sob as cinzas da produtividade moderna. Para Heschel, compreender o ser humano exige escuta, reverência e abertura ao mistério.

Ao rejeitar as categorias reducionistas que confinam o humano ao biológico, ao econômico ou ao psicológico, Heschel propõe uma antropologia de inspiração profética, ancorada na tradição judaica. Sua obra denuncia a crise espiritual da modernidade, marcada pela indiferença,

¹ Em tradução livre: “Muitas são as coisas terríveis, e nada é mais terrível do que o homem”.

pela fragmentação e pelo esquecimento do sagrado. No lugar da lógica da função, ele recoloca a ética da presença. Contra a apatia moral, afirma a urgência do assombro.

A proposta deste trabalho não é apenas uma crítica à civilização contemporânea, mas uma alternativa ontológica e ética. O ser humano, em Heschel, é vocacionado à transcendência, não como fuga, mas como participação ativa na criação. Ele é parceiro de Deus na construção de um mundo mais justo, e essa parceria exige consciência, compaixão e ação. A condição humana, nesse horizonte, não se esgota na racionalidade nem no sofrimento. Ela se realiza na capacidade de maravilhar-se, de escutar o clamor do outro e de responder ao apelo da vida. Essa resposta, que a cultura judaica chama de *teshuvá*², תשובה é um retorno à fonte, um reencontro com a vocação esquecida de viver com sentido.

O presente trabalho propõe uma compreensão delimitada da noção de ser humano na obra de Heschel, tendo como eixo os riscos da desumanização promovida pelo produtivismo moderno. Parte-se da hipótese de que, ao negligenciar a espiritualidade e absolutizar a técnica, a sociedade atual rompe com a integralidade da experiência humana. Para isso, dividiu-se a pesquisa em três eixos principais. O primeiro capítulo explora a concepção hescheliana de humanidade, enfatizando sua abertura ao inefável e sua capacidade de cocriação. A reflexão parte do entrelaçamento entre contingência e transcendência, aspectos fundamentais na constituição do sujeito.

No segundo capítulo, examina-se a crítica hescheliana à modernidade tecnocrática, marcada pela lógica instrumental que esvazia a interioridade humana. A desumanização é entendida como fruto do esquecimento do sagrado, da fragmentação do tempo e da instrumentalização do outro. O terceiro capítulo apresenta a espiritualidade como caminho de reumanização. A *teshuvá*, o autodescobrimento e a redescoberta da imagem divina são articulados como formas de resistência à indiferença moderna. A espiritualidade, nesse sentido, não é fuga, mas força ética e política.

A metodologia adotada é de natureza bibliográfica, primariamente nas obras “Deus em busca do homem” (Heschel, 2006) “O homem não está só” (Heschel, 1974b), secundariamente na obra “A imagem divina e o pó da terra” (Leone, 2002). Utilizou-se o método hermenêutico-fenomenológico, considerando que objeto de estudo desta pesquisa envolve a interpretação dos

² *teshuvá* no hebraico, significa retorno. Segundo as tradições judaicas essa palavra se assemelha a compreensão de conversão, de retorno ético, pode significar retorno a atitude ética como a dignidade humana.

sentidos atribuídos à condição humana, à espiritualidade e à imagem divina no pensamento de A. J. Heschel. A hermenêutica, neste contexto, serve como ferramenta de compreensão dos textos heschelianos, enquanto a fenomenologia permite o acesso às experiências fundamentais que atravessam sua filosofia, tais como o maravilhamento, a reverência, a responsabilidade e segundo a tradição judaica o conceito de retorno (teshuvá). O intuito não é simplesmente descrever conceitos, mas captar os modos pelos quais tais experiências se manifestam e produzem sentido no horizonte existencial e ético do ser humano contemporâneo.

Acerca do autor principal, Abraham Joshua Heschel foi filósofo, teólogo, poeta e rabino polonês naturalizado norte-americano, amplamente reconhecido como uma das figuras intelectuais mais influentes do século XX no campo da teologia e filosofia judaica. Formado em filosofia e filologia semítica pela Universidade de Berlim, com doutorado obtido em 1933, lecionou no Instituto Judaico de Ciências Religiosas em Varsóvia e, posteriormente, no *Hebrew Union College* em Cincinnati. Exilado do regime nazista, estabeleceu-se nos Estados Unidos em 1940, onde assumiu a cátedra de Ética Judaica no *Jewish Theological Seminary of America*, em Nova York. Heschel teve sua formação espiritual profundamente influenciada pelo *hassidismo*, tradição mística judaica, presente em sua linhagem familiar e que marcou sua teologia com ênfase no maravilhamento, na oração e na intimidade com o sagrado.

Espera-se, com este estudo, contribuir para o debate sobre o lugar da espiritualidade na construção da identidade humana em tempos de crise. Em um mundo que valoriza a produção mais do que a presença, o desempenho mais do que a dignidade humana, revisitar Heschel é um gesto de resistência. A relevância da pesquisa está na possibilidade de recuperar uma visão integrada do humano, em que razão, emoção e transcendência não sejam opostos, mas dimensões complementares. A proposta hescheliana aponta para uma ética da responsabilidade fundada na reverência e na compaixão.

Mais do que uma definição conceitual, o que se busca é um reencontro com a pergunta fundamental: o que significa ser humano? Em Heschel, essa questão não admite respostas fáceis. Ela exige coragem para enfrentar o mistério e humildade para acolher o que nos ultrapassa. Assim, esta introdução se encerra com um convite à escuta. Ler Heschel é escutar o grito da existência, silenciado por uma modernidade apressada. É, sobretudo, escutar o humano em nós, que ainda resiste, que ainda sonha, e que talvez ainda se lembre de que a vida é um dom e uma resposta.

2. COMPREENSÃO DE SER HUMANO EM HESCHEL.

O pensamento de Abraham Joshua Heschel oferece uma rica e profunda reflexão sobre o que significa ser humano, partindo de uma perspectiva que integra razão, espiritualidade e responsabilidade ética. Longe de compreender a humanidade apenas em termos biológicos ou racionais, Heschel propõe uma concepção marcada pela abertura ao mistério, pela reverência ao inefável e pela busca constante por sentido. Neste capítulo, investiga-se como sua filosofia articula a condição humana entre a contingência e a transcendência, evidenciando que o ser humano não é apenas um ente finito submetido às limitações da razão e da cultura, mas também um ser em movimento, capaz de maravilhar-se, agir com compaixão e corresponder ao chamado do divino. A singularidade da humanidade, em Heschel, reside na sua vocação para a cocriação, na sensibilidade ética e na responsabilidade de participar ativamente na construção do mundo. Com isso, será possível compreender como sua crítica à modernidade e à razão instrumental contribui para resgatar uma noção mais profunda de dignidade e de sentido humano.

2.1. A condição humana: Entre a contingência e o inefável.

O que significa ser humano? Essa questão, central à antropologia e tema caro à Filosofia, é abordada de forma singular por Abraham Joshua Heschel, que articula uma visão onde humanidade e transcendência estão intrinsecamente conectadas. Assim, em uma leitura atenta à obra hescheliana pode-se notar uma crítica forte à perda de sentido, como também uma admiração profunda, pela humanidade. A crítica pode ser relacionada ao ceticismo e à problematização da contingência limitada da razão.

A contingência do saber humano, ou seja, a sua natureza limitada e sujeita às condições específicas de tempo, espaço e cultura, tem um impacto significativo na relação entre religião e filosofia como abordagens para compreender o mundo. Essa limitação revela a incapacidade do ser humano de alcançar uma compreensão total ou absoluta da realidade, o que abre espaço para o reconhecimento de que existem dimensões do saber que escapam à racionalidade pura e exigem outras formas de engajamento, como a espiritualidade ou a experiência do sagrado. Essa condição finita do conhecimento humano pode ser vista como um convite à compreensão do ser humano enquanto ser transcendente, porque no pensamento hescheliano, o indivíduo compreende três capacidades únicas que somadas sintetizam a transcendência, a reverência, a participação ativa na criação e o ser em busca, não porque lhe falta, mas porque está sempre em movimento.

Tanto a religião quanto a filosofia reconhecem que o indivíduo é incapaz de abarcar completamente a totalidade do ser ou do mistério que permeia a existência. Enquanto a Filosofia busca decifrar o mundo por meio da reflexão crítica e da argumentação, a religião muitas vezes se volta para a experiência do transcendente, propondo um encontro com algo maior do que a capacidade humana de compreender.

Heschel aponta para uma dificuldade do indivíduo moderno, ao privilegiar o conhecimento científico e racional, que muitas vezes desconsidera a ideia de que uma realidade infinita possa se comunicar com uma mente limitada, afirma o autor: “O homem moderno acha absurdo, despropositado, que um espírito infinito possa descer para comungar com sua mente frágil e finita.” (Heschel, 2006, p. 93). Esse distanciamento entre o finito e o infinito pode levar a um ceticismo em relação às perspectivas religiosas, especialmente quando estas afirmam verdades que não podem ser plenamente demonstradas ou provadas pela lógica e pela experimentação.

Contudo, essa postura também evidencia uma dificuldade em lidar com o que escapa à contingência humana: o mistério que permanece inefável, conceito caro e onipresente na obra hescheliana. Ao mesmo tempo, essa percepção da contingência pode estimular um diálogo mais frutífero entre religião e filosofia. Quando ambas reconhecem os limites do saber humano, podem complementar-se em vez de divergir. A filosofia oferece à religião ferramentas para pensar criticamente sobre suas práticas e crenças, enquanto a religião proporciona à filosofia uma perspectiva mais ampla, que inclui o valor da experiência e da dimensão espiritual na busca pela compreensão da humanidade.

Esse diálogo, porém, depende de um reconhecimento mútuo: Para Heschel a religião precisa evitar o dogmatismo que ignora a capacidade racional, enquanto a Filosofia deve superar a tendência a descartar o transcendente como irrelevante ou inacessível. O que emerge é um entendimento de que a verdade é algo que pode ser aproximado, mas nunca possuído completamente, devido à contingência humana. Assim, a contingência do saber humano transforma a relação entre religião e filosofia em uma oportunidade para um diálogo enriquecedor. Em vez de se oporem, essas abordagens podem convergir para oferecer uma compreensão mais profunda e abrangente da existência e consequentemente de si mesmo, reconhecendo que a busca pelo sentido é uma jornada compartilhada, permeada tanto pela reflexão quanto pela experiência.

2.2. O mistério e a condição humana: Reflexões à luz do pensamento hescheliano.

A compreensão do conceito de humanidade, conforme delineado nas obras heschelianas, centra-se na capacidade do indivíduo de reconhecer o inefável e de se relacionar com o mistério. Para Heschel, a humanidade transcende as limitações materiais e racionais, sendo dotada de uma dimensão espiritual que a conecta ao que é incomensurável. Essa conexão com o inefável não é privilégio de poucos, mas um atributo essencial da condição humana, que permite ao ser humano participar de uma experiência que vai além do tangível e do explicável. Afirma Heschel: “O sentido do inefável não é uma faculdade esotérica, mas uma capacidade de que estão dotados todos os homens” (Heschel, 1974b p. 29).

No centro desse conceito está a ideia de que o mistério não é algo a ser resolvido ou dominado, mas sim acolhido. O indivíduo, como ser capaz de experimentar o inefável, não está apenas destinado a compreender o mundo; o ser humano é chamado a maravilhar-se diante do que é inexplicável. Essa experiência não se limita a momentos extraordinários, mas pode ser encontrada nos aspectos cotidianos da vida, desde que o ser humano esteja disposto a se abrir à profundidade do real. Assim, o reconhecimento do inefável é tanto um ato de humildade quanto de participação na dimensão transcendente da existência.

Esse entendimento de humanidade também redefine a relação entre o humano e o sagrado. Em vez de conceber o divino como algo distante e inacessível, a filosofia de Heschel sugere que o mistério está próximo e acessível àqueles que se dispõem a percebê-lo. Isso implica uma relação ativa e responsável com o transcendente, na qual o ser humano não é um mero espectador, mas um parceiro no processo de descoberta e significação do mundo. Daí a compreensão da consciência judaica que vê o ser humano como cocriador³ e responsável ativo pela criação.

A capacidade humana de se relacionar com o inefável também aponta para uma dimensão de interdependência entre a razão e a experiência. Enquanto a razão busca categorizar e compreender, a experiência do mistério transcende essas categorias, desafiando o indivíduo a ir além do conhecimento formal. Essa interação entre saber e experiência é o que permite ao ser

³A interpretação judaica da Toráh, vê o ser humano como um cocriador, ou seja, um parceiro de Deus na construção do mundo. Segundo essa cosmovisão, a criação não é um evento acabado, mas um processo permanente, para o qual o ser humano é chamado a contribuir com suas ações, sendo corresponsável pelo bem, pela justiça e pelo desenvolvimento da realidade criada. Assim, ele não é um mero receptor passivo, mas um sujeito ativo que, junto com o Criador, revela o significado moral e espiritual presentes na criação.

humano compreender as profundezas da existência e reconhecer sua própria finitude diante do infinito.

Ao situar o inefável no cerne da humanidade, Heschel também enfatiza a dimensão ética dessa compreensão. Reconhecer o mistério é também aceitar a responsabilidade de agir no mundo de maneira que reflita essa profundidade espiritual. A ética não surge apenas da reflexão racional, mas também da experiência de estar em relação com algo maior, o que confere significado às escolhas humanas e à sua influência sobre a realidade.

Por fim, o conceito de humanidade delineado nas obras de Heschel convida a uma compreensão integrada da existência, na qual o indivíduo é ao mesmo tempo racional e espiritual, finito e conectado ao infinito. Essa abordagem supera dicotomias tradicionais entre corpo e espírito, imanência e transcendência, apontando para uma visão de mundo que valoriza tanto a busca intelectual quanto a experiência do mistério. Dessa forma, o ser humano se torna não apenas um observador do mundo, mas um participante ativo em sua transformação.

2.3. Entre o inefável e a ação: A singularidade na humanidade.

Heschel transmite perfeitamente sua consciência profunda da existência humana, fundada na perspectiva judaica, que convoca o ser humano a viver de forma responsável e a ser um sócio de Deus, o autor aponta para uma visão de humanidade profundamente conectada à dimensão ética e espiritual. Esse chamado transcende qualquer concepção materialista da existência, elevando o ser humano à condição de agente moral, capaz de influenciar o curso do mundo por meio de escolhas e ações fundamentadas em valores. O ser humano, segundo o autor “... é conclamado a viver uma vida responsável e a ser um sócio de Deus na redenção do mundo” (Heschel, 2006, p. 61). Esta redenção consiste na participação humana no desejo divino para restaurar a dignidade e a justiça na humanidade, é um chamado à ação, onde o ser humano coopera com Deus por meio da compaixão e da responsabilidade. Para Heschel, redimir o mundo é tornar o sagrado visível nas relações humanas e na transformação da realidade. Ser "sócio de Deus" não implica uma equivalência entre divino e humano, mas uma relação de parceria na qual a humanidade é incumbida de corresponder à graça divina com atos concretos que promovam justiça, compaixão e harmonia. Tal perspectiva reafirma o papel do ser humano como um cocriador, responsável não apenas por moldar o mundo físico, mas também por refletir a dimensão espiritual em suas ações cotidianas.

Essa visão hescheliana da humanidade se distingue por sua abordagem do indivíduo como portador de uma responsabilidade cósmica, uma figura central no drama da existência. A diferença crucial entre uma visão secular e a proposta de Heschel está na compreensão de que a dignidade humana não é apenas um atributo intrínseco, mas também uma vocação que exige esforço, compromisso e fidelidade a um propósito. O ser humano não é apenas um habitante do mundo; ele é um transformador da realidade, chamado a ser sensível às necessidades do outro e a reconhecer o mistério que permeia a existência. Essa sensibilidade ao transcendente redefine a relação do ser humano com o mundo, exigindo uma postura que vai além do utilitarismo e da busca pelo poder, para um engajamento ético e espiritual que promova a plenitude da vida.

A espiritualidade, nesse sentido, não é um escape das responsabilidades, mas uma ampliação da consciência que permite ao indivíduo integrar suas capacidades racionais e emocionais ao serviço desse propósito. A parceria com Deus destaca que o verdadeiro valor da humanidade reside na sua capacidade de ir além de si mesma, de transcender suas limitações e atuar como agente de transformação. Isso envolve não apenas a busca pelo bem-estar individual, mas um comprometimento com o bem comum, com a construção de um mundo que reflita os ideais de justiça, paz e solidariedade. É nessa integração entre a contingência e transcendência que a humanidade encontra a sua plena realização.

Alexandre Leone, importante pesquisador hescheliano, destaca a distinção do que é ser humano no pensamento de Heschel. Leone atribui ao autor a tentativa de identificar a essência humana, ousando afirmar que a diferença entre ser humano e animal é a infinita e imprevisível capacidade em desenvolver o que ele chama de “universo interior”. O filósofo judeu ainda descontente com tal distinção, apresenta a humanidade enquanto enigma e que seria mais fácil dizer o que ele é capaz de vir a ser e não o que ele é. Leone aborda a obra hescheliana como confronto com o indivíduo desta época, na intenção de interpelar a humanidade na sua autocompreensão e na constituição de sua dignidade. Perspectiva imprescindível no desenvolvimento das capacidades criadoras e constituintes do cosmos.

O ser humano é caracterizado não apenas pela sua ligação com o mundo, mas, sobretudo, pela sua relação com o divino. Essa distinção fundamental realça a singularidade da humanidade na criação. Enquanto os pensadores gregos concentraram seus esforços em compreender o indivíduo como uma parte integrada ao universo, explorando sua conexão com a

natureza e as leis que regem o cosmos, os profetas hebraicos, influência na formação de Heschel⁴, direcionaram sua reflexão para o papel único do indivíduo como colaborador de Deus no processo de redenção e transformação do mundo.

Essa visão é fortemente influenciada pela Toráh, primeiramente pela criação do ser humano, cuja imagem e semelhança (*Tselem*) do Criador, lhes confere essa potência, segundo a Aliança (*Berit*) que a humanidade realiza com Deus, ambas influências apresentam a humanidade como parceira, agente de transformação na realidade. É possível perceber acerca da leitura que a humanidade não é totalmente consciente dos seus poderes, contudo mostrou-se inúmeras vezes devastadora quando usou seus poderes de forma errada e maldosa.

Ademais, esse ponto de vista enfatiza a dimensão espiritual e ética da existência humana, destacando a responsabilidade moral e a capacidade do homem de participar ativamente no cumprimento de seu propósito. Assim, o indivíduo transcende sua existência material, assumindo um papel de parceria no plano divino, o que confere significado e direção à sua vida. A partir desse momento, seguir-se-á a crítica de Heschel ao modernismo e a influência no processo de desumanização.

⁴A consciência judaica de Heschel é profundamente moldada pelo profetismo bíblico, que propõe uma visão na qual o ser humano é chamado a ser um agente moral na história. Nesse contexto, ele é influenciado pela tradição judaica profética, pelo hassidismo e na filosofia judaica, pelo pensamento de Maimônides, que enfatiza a razão na compreensão de Deus. Dessa maneira, Heschel revela que o profetismo não é apenas um fenômeno histórico, mas uma fonte permanente de consciência moral que atravessa o judaísmo, sendo capaz de atualizar seu chamado na realidade contemporânea. Cf. Maimônides, *The guide of the perplexed*, Traduzido por Ch. Rabin, London, 1952. Ibid. O Último dos Profetas: uma introdução ao pensamento de Abraham Joshua Heschel. São Paulo: Manole, 2002.

3. A DESUMANIZAÇÃO COMO EFEITO DA INDIFERENÇA: A CRÍTICA HESCHELIANA À MODERNIDADE.

O presente capítulo do trabalho tem como objetivo examinar a crítica de Abraham Joshua Heschel à desumanização promovida pela modernidade tecnocrática e produtivista. Por meio da análise de conceitos como o esquecimento do sagrado, a racionalidade instrumental e a banalização do tempo, busca-se compreender como o autor articula uma resposta espiritual e ética à crise da interioridade humana. A modernidade, ao priorizar a eficiência, o domínio técnico e a lógica do consumo, gera um processo de esvaziamento do sentido da existência, transformando o indivíduo em meio. Heschel propõe que a superação dessa condição exige a redescoberta do inefável, do assombro e da reverência como fundamentos de uma nova consciência do ser humano. Assim, este capítulo apresenta uma reflexão sobre o impacto da racionalidade moderna na condição humana e propõe a crítica à modernidade produtivista a partir da filosofia hescheliana.

3.1. A degradação da humanidade: A crítica hescheliana ao Produtivismo Moderno.

Heschel ao afirmar que “nosso poder pode se tornar nossa destruição” (Heschel, 2006, p. 133), critica a lógica moderna que idolatra o progresso técnico, produz bombas, alimenta discursos totalitaristas e ignora seus efeitos desumanizantes. O modernismo, com sua ênfase na eficiência e no controle, alimenta uma sociedade que transforma o ser humano em um meio, subordinando sua dignidade às exigências de sistemas e máquinas. Esse poder, originado do avanço científico e tecnológico, frequentemente desconsidera as dimensões espirituais e éticas da existência, reduzindo o ser humano a um simples recurso.

Heschel alertou para o perigo de um mundo onde a técnica substitui a sensibilidade e a lógica do consumo devora os valores humanos. Assim, sua obra aponta um caminho: a necessidade de reconectar poder e moralidade, tecnologia e transcendência. A fim de resgatar a humanidade de sua própria armadilha autodestrutiva, o ser humano deve se mover para além de uma visão puramente pragmática ou utilitarista, redescobrando o valor intrínseco de cada pessoa como portadora de dignidade, fruto de uma parceria com o divino. A crítica hescheliana é enraizada na sua experiência, testemunha do absurdo nazista, o autor reflete acerca da condição humana, sua indignidade e o que tensiona sua filosofia, o cuidado de Deus:

Se o homem pode permanecer indiferente ao horror do extermínio de milhões de homens, mulheres e crianças; se o homem pode estar manchado de sangue e farisaico, distorcer o

que sua mente está lhe dizendo, fazer sabão de carne humana, então, como podemos aceitar que ele mereça ser abordado e orientado pelo Deus infinito?” (Heschel, 2006, p. 93)

Em outro momento disse “a vida é rotina, e a rotina é resistência ao milagre” (Heschel, 2006, p. 75), o autor critica a forma como a modernidade se torna um obstáculo à experiência do sagrado e à percepção da maravilha da existência. A rotina, em sua essência, pode ser vista como um mecanismo de defesa contra a vulnerabilidade e a incerteza que a vida apresenta. No entanto, essa resistência ao *milagre*⁵ leva à apatia e à indiferença, afastando os indivíduos da capacidade de se maravilhar com o mundo e de reconhecer a presença divina em suas vidas. Heschel sugere que, ao se concentrar apenas nas tarefas cotidianas, a humanidade se priva da experiência do transcendente, contribuindo assim para um estado de desumanização em que a vida perde seu significado mais profundo.

O processo de desumanização pode ser compreendido como a perda gradual da sensibilidade moral e espiritual diante da mecanização da existência. A modernidade trouxe consigo avanços extraordinários, mas também transformou o ser humano em um agente de controle e domínio, muitas vezes dissociado de valores que sustentam a dignidade e a transcendência. O poder acumulado pela técnica e pela ciência, ao invés de libertar, pode se tornar um instrumento de autodestruição quando desconectado da reflexão ética e da responsabilidade coletiva.

A rotina da vida moderna, marcada pela repetição incessante de tarefas e pela busca constante por produtividade, reduz a percepção da dimensão extraordinária da existência. A mecanização do cotidiano gera uma resistência ao encantamento e ao reconhecimento do sagrado, tornando o ser humano indiferente ao mistério da vida. O tempo, antes vivido com significado e presença, é fragmentado em obrigações e metas, criando uma insensibilidade que torna o milagre da existência imperceptível.

A crítica ao modernismo se fundamenta na sua tendência a suprimir a interioridade em favor da eficiência. A sociedade passa a valorizar o que pode ser medido, produzido e consumido, negligenciando as dimensões mais profundas da experiência humana. A racionalização extrema, ao tentar explicar tudo por meio de leis mecânicas e funcionais, esvazia o mundo de sua profundidade e reduz o ser humano a um objeto entre objetos. Essa lógica instrumental, quando não questionada, contribui para a alienação e a indiferença diante do sofrimento e da degradação

⁵ O milagre, neste contexto, refere-se à experiência do sagrado na vida comum: o assombro, a reverência e a surpresa diante do que escapa às explicações racionais. Ele é a presença do divino nas relações, nas criaturas e nos acontecimentos do dia a dia, que revela um significado transcendente da realidade.

das relações humanas. Tal crítica está presente na obra de Heschel, inclusive em sua reflexão sobre o esvaziamento da piedade como valor autêntico. Nesse sentido, o filósofo e rabino afirma:

A busca rigorosa da alma é um aspecto essencial da piedade, e o homem piedoso tende a suspeitar de que sua reverência e sua devoção podem ser acessórios furtivos de propósitos egoístas. (Heschel, 2006, p. 225)

Para Heschel, a desumanização é uma consequência direta da idolatria ao progresso técnico e da falsa piedade que substitui a reverência pela vida pela lógica da eficiência. O perigo do tempo hodierno é que a tecnologia tenha feito da humanidade não apenas senhores da natureza, mas também vítimas do próprio poder. Essa inversão ocorre quando o ser humano, em vez de ser o fim último da ação técnica, torna-se um instrumento a serviço de sistemas produtivos. A modernidade, ao priorizar resultados quantificáveis, esvazia a existência de seu caráter sagrado, reduzindo-a a uma sucessão de metas a serem cumpridas. Como consequência, a sensibilidade ética e a capacidade de espanto diante do mistério da vida são sufocadas pela rotina mecanizada.

A crítica hescheliana ressalta que a desumanização não se limita à exploração material, mas atinge a própria percepção do outro. Em um mundo regido pela produtividade, o indivíduo passa a ser avaliado por sua funcionalidade, não por sua dignidade. Quando o indivíduo é tratado como um meio, e não como um fim, a humanidade perde sua alma. Essa instrumentalização é visível nas estruturas laborais modernas, onde relações são substituídas por transações, e a solidariedade cede lugar à competição. Uma pergunta importante surge, o que significa ser humano em uma era que transforma pessoas em números? Expõe a crise de identidade gerada pela racionalidade utilitarista.

A resistência ao milagre, citada por Heschel, manifesta-se também na incapacidade de reconhecer o sofrimento alheio. A banalização do mal, testemunhada no Holocausto, revela como a burocracia e a técnica podem servir à barbárie quando desvinculadas da consciência moral. Nesse sentido, o produtivismo moderno não é apenas um sistema econômico, mas uma lógica que corrói a compaixão, transformando a indiferença em norma. A rotina desumanizante, portanto, não é neutra: ela naturaliza a violência simbólica da redução do humano a produtor.

A saída proposta por Heschel exige o reencontro da transcendência como antídoto à desumanização. Se a modernidade fragmenta o tempo em tarefas, o autor insiste na necessidade do *Shabbat*, o descanso, a pausa, o conforto que restaura a consciência do sagrado. O esquecimento de Deus leva ao esquecimento da dignidade humana. Essa ideia desafia a cultura produtivista, propondo que a verdadeira realização não está na acumulação, mas na capacidade de contemplação.

Assim, a ética hescheliana convida a uma reconexão com o inefável, lembrando que o ser humano não é um problema a ser resolvido, mas um mistério a ser vivido. Portanto, a crítica hescheliana ao modernismo, aponta para a urgência de resgatar a noção de responsabilidade. Reumanizar, portanto, implica subordinar a técnica à reverência pela vida, reescrevendo a ação humana em um horizonte de significado que transcende a mera utilidade.

3.2. O esquecimento do sagrado como elemento da Desumanização.

Acerca do esquecimento do sagrado, da perda de sentido, vale recorrer ao texto de Eric Voegelin⁶, contemporâneo de Heschel, quando ele trata do processo de desumanização como evento que Voegelin chama de desdivinização:

A perda de dignidade vem através da negação da participação no divino, ou seja, através da desdivinização do homem. Mas, já que é precisamente essa participação no divino - esse ser teomórfico - que constitui - essencialmente o homem, a desdivinização é sempre seguida de uma desumanização. Não se pode desdivinizar-se sem se desumanizar — com todas as consequências de uma desumanização com as quais ainda temos de lidar. Tal desdivinização é a consequência de um fechamento deliberado de si mesmo para o divino, tanto para o racionalmente divino quanto para o pneumatologicamente divino, ou seja, o divino filosófico ou revelado. (Voegelin, 1999, p. 118)

Essa perda de identidade apontada por Voegelin encontra ressonância na obra hescheliana: “talvez essa seja a essência da miséria humana: esquecer que a vida é uma dádiva e um crédito divino, uma responsabilidade” (Heschel, 2006, p. 177). O autor explora o processo de desumanização como uma consequência do esquecimento da sacralidade da existência. Quando o indivíduo deixa de reconhecer a vida como um dom divino, ele perde a noção de sua própria dignidade e da dos outros. Essa amnésia espiritual leva à instrumentalização do próximo, reduzindo pessoas a objetos utilitários, descartáveis. A desumanização, portanto, começa na ruptura com a consciência de que a vida é uma responsabilidade compartilhada, um vínculo sagrado que nos une ao transcendente e ao mundo.

Outro aspecto central no pensamento de Heschel é a relação entre tempo e desumanização. O ser humano, ao tratar o tempo como mero recurso a ser explorado, ignora sua dimensão sagrada como espaço de encontro com o divino. A obsessão pela produtividade e eficiência corrói a capacidade de contemplação e reverência, essenciais para uma vida plena.

⁶ Eric Voegelin (1901–1985) foi um filósofo e cientista político germano-americano. Estudou Direito e Ciências Políticas na Universidade de Viena, onde também lecionou. Fugiu do nazismo em 1938 e se estabeleceu nos Estados Unidos, tornando-se professor em diversas universidades. É conhecido por sua crítica aos sistemas ideológicos modernos e pela obra *Ordem e História* (1956). Sua filosofia enfatiza a busca de ordem no pensamento político a partir da experiência humana do transcendente.

Quando o tempo deixa de ser vivido como um presente de Deus e se transforma em mercadoria, o próprio sentido da existência se esvai, abrindo caminho para a alienação e a indiferença.

A desumanização também se manifesta na forma como o poder distorce a piedade e a compaixão. Apresenta-se aqui a crítica ao conceito de piedade na dimensão do poder: “A piedade, às vezes, é o mal disfarçado, um instrumento de busca pelo poder” (Heschel, 2006, p. 199). Heschel alerta para o perigo de virtudes religiosas serem usadas como máscaras para dominação. Quando a espiritualidade é instrumentalizada, ela deixa de ser um caminho de encontro autêntico com o outro e se torna uma ferramenta de controle. A falsa piedade, portanto, não apenas corrompe a fé, mas também nega a humanidade daqueles que deveriam ser acolhidos e respeitados em sua integridade. A relação com a natureza é outro campo onde a desumanização se revela. Ao ver o mundo apenas como um recurso a ser explorado, o ser humano rompe o laço sagrado que o une à criação. Heschel enfatiza que a Terra não é uma posse, mas um empréstimo divino, e sua degradação reflete uma crise ética e espiritual. Quando o ambiente é tratado com desprezo, a própria humanidade se empobrece, pois a exploração desmedida revela uma incapacidade de reconhecer o valor intrínseco de tudo o que existe.

A indiferença é, talvez, o sintoma mais grave da desumanização. Para Heschel, a falta de compaixão e engajamento diante do sofrimento alheio é uma forma de violência passiva. Quando nos tornamos espectadores da dor do outro, negamos não apenas sua humanidade, mas também a nossa. A indiferença corrói os fundamentos da vida em comunidade, substituindo a solidariedade pelo isolamento e a responsabilidade pelo descaso. Heschel propõe que a superação da desumanização exige um retorno à consciência do sagrado. Reconhecer a vida como dádiva implica resgatar a reverência pelo tempo, pelo próximo e pela criação. Essa postura não é apenas religiosa, mas profundamente ética, pois restaura a noção de que cada ser carrega em si uma centelha do divino. A humanização, portanto, nasce da capacidade de viver com responsabilidade, compaixão e gratidão, rejeitando todas as formas de reducionismo que negam a complexidade e a dignidade da existência.

A visão hescheliana sobre a desumanização revela que a crise da modernidade não é apenas estrutural, mas profundamente existencial. Quando o ser humano perde de vista o caráter sagrado da vida, ele abre espaço para uma lógica utilitarista que permeia todas as esferas da existência. A vida, reduzida a mero recurso produtivo, deixa de ser compreendida como um dom e passa a ser tratada como um problema a ser otimizado. Essa inversão de valores corrompe as

relações humanas, pois, ao negar a dimensão transcendente da existência, o indivíduo passa a enxergar o outro não como um fim em si mesmo, mas como um meio para seus próprios objetivos. A consequência é uma sociedade marcada pelo descarte, onde pessoas são avaliadas por sua utilidade imediata, e não por sua dignidade intrínseca. A espiritualidade, nesse contexto, não é um acessório, mas a base para uma ética que resiste à redução do humano a objeto.

O tempo, na perspectiva hescheliana, é um eixo central nesse processo de desumanização. A modernidade transformou o tempo em capital, algo a ser gerenciado, acumulado e explorado, em detrimento de sua dimensão qualitativa. Ao perder a capacidade de viver o tempo como espaço de encontro e contemplação, o ser humano empobrece sua própria experiência. A aceleração cotidiana sufoca a possibilidade de espanto, de silêncio e de reconhecimento do sagrado no ordinário. A produtividade, elevada a valor supremo, esvazia a vida de significado, pois o que importa não é mais o que se vive, mas o que se produz. Heschel alerta que essa distorção temporal não é um mero detalhe da vida moderna, mas uma das raízes da alienação contemporânea, que nos afasta não apenas de Deus, mas de nossa própria humanidade.

A corrupção da piedade é outro sintoma dessa desumanização. Quando virtudes religiosas são cooptadas por interesses de poder, elas se transformam em instrumentos de opressão. A espiritualidade, em vez de ser um caminho de libertação e encontro, torna-se uma ferramenta de dominação, justificando exclusões e violências em nome de uma suposta moralidade. Heschel demonstra que a falsa piedade é particularmente perversa porque se disfarça de bondade, obscurecendo sua própria natureza opressora. Essa dinâmica não apenas destrói a autenticidade da fé, mas também nega a humanidade daqueles que são marginalizados em nome de um discurso supostamente sagrado. A verdadeira espiritualidade, portanto, não pode ser separada da justiça e do compromisso com a dignidade de todos.

Por fim, a indiferença surge como a expressão mais cruel da desumanização. Heschel entende que a incapacidade de se comover com o sofrimento alheio é uma forma de morte moral. A indiferença não é simples passividade, mas uma escolha ativa por ignorar os laços que unem todos os seres humanos. Ela dissolve os fundamentos da vida em comunidade, substituindo a responsabilidade mútua pelo isolamento e a compaixão pelo cálculo egoísta. Superar essa lógica exige um resgate da consciência ética, que reconhece no outro não um estranho, mas um parceiro na jornada da existência. Para Heschel, a humanização plena só é possível quando restauramos a

noção de que a vida é um tecido de relações sagradas, onde cada gesto, cada encontro e cada instante carregam o potencial de revelar o divino.

3.3. O inefável como antídoto à Desumanização na filosofia de Abraham Heschel.

Começa-se apontar uma direção para a resposta da indiferença apresentada pelo autor: “A humanidade não perecerá por falta de informação, mas por falta de apreciação” (Heschel, 1974b, pág. 90), assim o ajustamento a noções convencionais e a clichês mentais é o maior empecilho ao conhecimento, segundo Heschel. Uma vez que se perde a noção de maravilhamento e admiração, o ser humano se perde na repetição e na perpetuação do ordinário da vida. É importante perceber que o sentido do inefável também se experimenta no ordinário, mas exige da consciência uma atividade essencial que perpassa a mente: a dúvida. Heschel aponta a dúvida como intermediária do conhecimento, contudo não autossuficiente, ela por ela mesma não estabelece o conhecimento e a realidade, mas uma possibilidade de integrar as duas dimensões. O autor defende a divisão entre a razão e a admiração, a primeira explica e adapta o mundo aos conceitos, enquanto a segunda adapta a mente ao mundo. Acerca do inefável, o autor identifica um movimento interessante no que tange a sensibilidade humana, ele diz:

A tentativa de comunicar o que vemos e não conseguimos dizer é o eterno tema da sinfonia inacabada da humanidade, uma aventura cuja realização jamais será consumada. Somente aqueles que vivem de palavras emprestadas acreditam na sua capacidade de expressão. Uma pessoa sensível sabe que o intrínseco, o mais essencial, nunca é expresso. (Heschel, 1974b p. 16).

Na obra *A imagem divina e o pó da terra* (Leone, 2002), identifica-se como eixo central do pensamento de Abraham Joshua Heschel a reflexão sobre a dignidade do ser humano e sua responsabilidade ética frente a uma civilização marcada por crescentes processos de desumanização. Segundo Alexandre Leone, os escritos heschelianos constituem uma crítica contundente à modernidade dessensibilizada, funcionando como verdadeira denúncia das estruturas que ameaçam a integridade da condição humana. Este processo, se dá pela perda de sentido, pelo desencanto do ser humano que não tem olhos para ver o sublime, o misterioso e maravilhoso.

A crítica hescheliana ao modernismo revela como a instrumentalização do indivíduo dilui sua essência, transformando-o em mero recurso funcional dentro de mecanismos produtivos. Essa lógica, ao privilegiar o "como" operacional em detrimento do "porquê" existencial, esvazia a vida de significado, substituindo a profundidade das interações humanas por transações utilitárias.

Para Heschel, o progresso técnico desvinculado de fundamentos espirituais não representa avanço, mas uma forma sofisticada de regressão antropológica - pois, ao exaltar a eficiência como valor supremo, nega-se tanto a singularidade humana quanto sua abertura ao transcendente. O paradoxo é evidente: a mesma tecnologia que promete libertação converte-se em prisão quando desprovida de referências éticas. A superação dessa alienação exige, portanto, uma reorientação radical: resgatar a capacidade de espanto diante do mistério da existência, reatar os laços de solidariedade corroídos pelo pragmatismo e reinscrever a técnica em um horizonte de sentido que transcenda a mera utilidade. Acerca desse encontro auto comunicativo:

Trata-se, assim, da mais real e expansiva expressão comunicativa, aquela que em Si e a partir de Si cria, por meio da sua Palavra, harmoniosamente seres únicos, distintos, iguais em dignidade e comunicantes, ao ponto de estes serem capazes de gerar outros seres nas suas condições, de seres criados, aptos para a comunhão e a geração. (D'almeida, 2018, p.51)

Na obra de Abraham Heschel, a desumanização no contexto moderno está intrinsecamente ligada à perda do sentido do sagrado e à fragmentação das relações humanas. A modernidade, ao exacerbar o racionalismo instrumental e a eficiência técnica, reduz o ser humano a uma engrenagem funcional, esvaziando sua dimensão transcendente. Heschel critica essa visão mecanicista, argumentando que a verdadeira existência exige um reconhecimento do "assombro" diante da vida, algo que o modernismo frequentemente suprime em nome do progresso e do controle.

O pensamento do filósofo rabino revela que o verdadeiro conhecimento não se reduz à acumulação de dados, mas emerge da capacidade de se maravilhar diante do mistério da existência. Enquanto a razão opera por categorizações e sistematizações, o assombro abre a consciência para aquilo que escapa às estruturas conceituais - o inefável que permeia o real. Esta tensão entre compreensão e admiração constitui o cerne da epistemologia hescheliana: o humano conhece não quando domina o mundo através de conceitos, mas quando se permite ser interpelado pelo que transcende sua capacidade de explicação. Neste sentido, a dúvida não é mero ceticismo, mas a atitude humilde de quem reconhece os limites do *logos* ante o mistério do ser, mantendo viva a interrogação fundamental que impede o pensamento de cristalizar-se em dogmatismos.

O que se percebe é formando um apelo que confronta a crise de sentido da civilização ocidental. Enquanto o paradigma tecnocêntrico reduz o tempo à linearidade produtiva e o espaço à funcionalidade, a visão hescheliana recupera a temporalidade como *kairos* (καιρός) - momento

qualitativo de encontro com o eterno - e o espaço como *hierofania*⁷, manifestação do sagrado no cotidiano. Esta perspectiva desvela como a racionalidade instrumental, ao eliminar a dimensão do mistério, empobrece não apenas nossa experiência do mundo, mas a própria concepção de humanidade, transformando sujeitos em recursos.

A reflexão sobre o inefável em Heschel desemboca numa antropologia filosófica que redefine a dignidade humana. Se o ser humano é constituído não apenas por sua materialidade, mas por sua abertura ao transcendente, então sua desumanização ocorre precisamente quando esta dimensão é negada. A modernidade, ao privilegiar o quantificável sobre o qualitativo, o útil sobre o valioso, produz uma cisão no interior da subjetividade: o indivíduo torna-se estranho para si mesmo porque perdeu a capacidade de se reconhecer como ser situado entre o finito e o infinito. A recuperação desta consciência exige mais que reformas sociais - demanda uma conversão do olhar que permita redescobrir, nas fissuras do mundo aparentemente desencantado, os vestígios do sagrado que persistem mesmo nas condições mais alienantes. Acerca disso Heschel apresenta sua compreensão dos riscos iminentes na humanidade:

A compreensão da grandeza perigosa do homem, de seu imenso poder e capacidade de destruir a vida na terra, deve mudar completamente nossa concepção do lugar e do papel do homem no esquema divino. (Heschel, 2006, pág. 94)

A proposta hescheliana apresenta-se assim como um humanismo radical que recusa tanto o reducionismo materialista quanto as espiritualidades escapistas. Ao afirmar que o caminho para o divino passa necessariamente pelo humano, Heschel inscreve a ética no centro da experiência religiosa: o assombro diante da transcendência deve traduzir-se em compromisso com a justiça e reverência pela alteridade. Neste ponto, sua filosofia converge com as tradições proféticas que denunciam toda forma de idolatria - inclusive a idolatria do progresso técnico desvinculado de responsabilidade moral. O verdadeiro conhecimento, portanto, culmina não em dominação, mas em serviço; não em explicações totalizantes, mas na preservação do mistério que nos convoca a uma permanente atitude de busca e responsabilidade pelo outro.

⁷ Hierofania é a manifestação do sagrado em algo concreto, quando o divino se revela no mundo sensível.

4. A ESPIRITUALIDADE COMO CAMINHO DE REUMANIZAÇÃO: A TESHUVÁ E O AUTODISCERNIMENTO NA SUPERAÇÃO DA INDIFERENÇA MODERNA NO PENSAMENTO DE HESCHEL.

O presente capítulo apresenta a proposta espiritual e antropológica de Abraham Joshua Heschel como resposta crítica à fragmentação e desumanização promovidas pela racionalidade técnica e produtivista da modernidade. A partir da noção de *teshuvá*, do conceito de autodiscernimento e da revalorização das tradições espirituais, explora-se a possibilidade de uma reconfiguração do humano fundada na responsabilidade ética, na reverência ao mistério e na prática do cuidado. Cada subtópico articula diferentes dimensões dessa proposta: o retorno como gesto de resistência à alienação, a espiritualidade como motor de engajamento ético, e o autodiscernimento como via de reconstrução da imagem divina no indivíduo. Ao longo do capítulo, busca-se demonstrar como a espiritualidade, longe de ser uma fuga do mundo, é concebida por Heschel como força mobilizadora de transformação pessoal e social, capaz de devolver à existência seu sentido profundo e sua dignidade relacional.

4.1. Espiritualidade e reumanização: A atualidade da *Teshuvá* na obra de Heschel.

A tradição hebraica, assim como outras tradições filosóficas, carrega em sua profundidade espiritual, a noção de que o indivíduo não é um ser fixado em sua condição presente, mas sim um ser em movimento, convocado a transformar-se continuamente. Nesse horizonte, a ideia de *teshuvá* - traduzida como retorno, adquire uma centralidade epistemológica, sobretudo existencial, que ultrapassa o mero arrependimento moral ou uma reconciliação pontual com a norma religiosa. A partir deste trabalho nas obras de Heschel e seus comentadores, o conceito citado torna-se uma chave de leitura para compreender o drama da existência humana diante do apelo incessante do divino. O retorno não é apenas um gesto de culpa ou contrição, mas uma resposta vital ao clamor de Deus, que busca incessantemente a humanidade. Heschel reformula a experiência religiosa ao situá-la como um diálogo, uma relação viva e dinâmica entre o humano e o transcendente. No coração dessa relação está a resposta humana. Deus não é uma entidade distante, imóvel ou indiferente: Ele está em busca do indivíduo, envolvido em uma inquietude sagrada que exige reciprocidade. A *teshuvá*, nesse contexto, é o ponto de inflexão onde o ser humano, envolvido pelas rotinas anestésicas do cotidiano, desperta para a consciência de sua

responsabilidade espiritual. É uma ruptura com a indiferença que permite a emergência de um novo modo de ser.

Esse retorno, no entanto, não pode ser compreendido apenas como um movimento de regressão ao passado ou uma tentativa de restaurar um estado anterior. Para Heschel, retornar é avançar em direção à verdadeira identidade do ser humano, que se revela plenamente apenas quando orientada pelo vínculo com o sagrado. A *teshuvá* é, portanto, uma experiência de reconstrução de si, em que o homem se reencontra com sua origem, não no sentido cronológico, mas na profundidade ética e espiritual de sua vocação primordial: estar em relação com o mistério. A linguagem do retorno em Heschel está profundamente conectada com sua crítica à secularização da consciência moderna. O mundo contemporâneo, marcado pela autonomia técnica e pelo distanciamento do sagrado, gera uma espécie de desumanização silenciosa. A *teshuvá* aparece, então, como resistência a essa alienação, como um esforço consciente de redirecionamento existencial. O homem moderno, ao esquecer sua dependência radical do sagrado, perde também o sentido mais profundo de sua liberdade. Retornar, nesse contexto, é reverter o processo de dessacralização da vida e restaurar a sensibilidade ética diante do mistério que permeia a existência.

Essa concepção hescheliana de retorno está alicerçada em uma antropologia que recusa tanto o determinismo quanto o niilismo. O ser humano, para ele, é sempre mais do que um produto das estruturas sociais ou biológicas; ele é um ser capaz de elevação. A *teshuvá* é um testemunho dessa capacidade de transcender-se. Ela não se reduz a um ato isolado, mas envolve um processo contínuo de escuta, abertura e transformação. Nesse sentido, a responsabilidade moral é inseparável da vida espiritual: o homem que retorna é aquele que escuta, que se deixa afetar e que se compromete com o bem. Outro aspecto fundamental é a dimensão coletiva do retorno. Embora Heschel valorize profundamente a interioridade, ele compreende que a espiritualidade não pode ser confinada à esfera privada. O clamor divino não é dirigido apenas ao indivíduo, mas à comunidade como um todo. Assim, a *teshuvá* também assume um caráter social e histórico: trata-se de reorientar não apenas o indivíduo, mas a humanidade inteira em direção a uma existência mais justa, compassiva e consciente. O retorno, portanto, não é fuga do mundo, mas engajamento ético nele.

A compreensão dessa resposta está em sintonia com a insistência de Heschel de que o verdadeiro problema da religiosidade não é a dúvida, mas a indiferença. A *teshuvá* rompe com essa anestesia espiritual e reacende a chama da percepção, restaurando a capacidade de maravilhar-se, de indignar-se e de responder ao chamado do outro. O indivíduo que retorna é aquele que se recusa

a permanecer indiferente à voz do sofrimento, que compreende que espiritualidade sem justiça é ilusória. Assim, o retorno é também uma forma de protesto contra um mundo endurecido pela apatia. Em última instância, a *teshuvá* representa, para Heschel, a possibilidade de restaurar a relação entre tempo e eternidade. No mundo moderno, o tempo é muitas vezes reduzido à sua função utilitária, e a vida humana corre o risco de tornar-se apenas uma sucessão de tarefas, desvinculadas de qualquer sentido mais profundo. O retorno, nesse caso, é uma nova consagração do tempo, uma revalorização do instante como lugar de encontro com o eterno. A vida deixa de ser mera repetição e volta a ser resposta, clamor e promessa.

Portanto, ao refletir sobre a ideia do retorno em Heschel, torna-se evidente que não se trata de um movimento nostálgico, mas de uma reconfiguração profunda da existência. A *teshuvá* é o gesto inaugural da liberdade espiritual, uma forma de redimir o presente à luz da presença divina. Nesse gesto, o homem reencontra não apenas Deus, mas também a si mesmo, em sua dignidade mais autêntica.

Desta forma, a *teshuvá*, ou retorno, ultrapassa os limites da religiosidade formal e revela-se como um movimento profundo de reconciliação do ser humano com sua dimensão essencial. Em um mundo orientado por lógicas produtivistas, que reduzem o valor do indivíduo à sua capacidade de desempenho e utilidade, a noção de retorno assume uma função crítica: ela aponta para a necessidade de ruptura com os modelos de vida que desconsideram a interioridade e a dignidade existencial. O conceito de retorno implica, assim, uma reorientação do sujeito em direção a uma vida permeada por sentido, transcendência e responsabilidade. Para Heschel, a condição humana não pode ser interpretada unicamente a partir de critérios funcionais ou quantitativos; ao contrário, ela exige uma escuta sensível ao mistério que atravessa a existência.

Heschel afirma que o retorno não se refere apenas a uma prática espiritual, mas a um reposicionamento ético que resiste à indiferença e à alienação impostas pelo ritmo acelerado e instrumental da modernidade:

Isso é o que queremos dizer com o termo espiritual. É a referência para o transcendente em nossa existência, a direção do Aqui na direção do Além. É a força estática que instiga todos os nossos objetivos, redimindo valores da estreiteza de serem fins em si mesmos, transformando chegadas em novas peregrinações, em novas partidas para adiante. É um rumo que impregna tudo, que contém e que transcende todos os valores, um processo interminável, o movimento de sublimação do ser. (Heschel, 2006, p. 258)

Neste contexto, o conceito de reumanização surge como resposta aos processos de desumanização que marcam as sociedades orientadas pela eficiência e pelo consumo. O ser

humano, fragmentado entre tarefas e metas, corre o risco de se afastar de sua vocação mais profunda: ser um agente de sentido, afeto e justiça. A obra hescheliana propõe duras críticas à hegemonia da técnica e ao esvaziamento espiritual do cotidiano, sugerindo que a reumanização só é possível quando o indivíduo é capaz de reencontrar-se com o sagrado que habita o tempo, a alteridade e a própria consciência.

Como afirma Heschel, “Existe um clamor eterno no mundo: Deus está suplicando ao homem que responda, que retorne, que realize” (Heschel, 2006, pág. 137). O retorno, nesse sentido, não é apenas um gesto introspectivo, mas um ato de resistência contra a coisificação da vida. A *teshuvá* convoca o sujeito à escuta, à empatia e à responsabilidade por um mundo mais sensível ao valor do outro. Assim, Heschel aponta sua contribuição fundamental para o debate contemporâneo sobre o ser humano, ao afirmar que a superação da desumanização passa por uma espiritualidade que reconfigura os modos de habitar o mundo.

Com isso, evidencia-se que o autodiscernimento, articulado à imagem divina, não é um fim em si, mas um processo que inaugura uma postura ética diante da existência. A *teshuvá* não apenas reconcilia o sujeito com sua origem espiritual, mas também o reposiciona no mundo com um senso renovado de missão e pertencimento. Essa transformação interior, no entanto, não permanece restrita à esfera individual ou contemplativa. Pelo contrário, ela inaugura uma espiritualidade ativa, que se desdobra em compromisso com a justiça, a compaixão e a preservação da dignidade humana.

É nesse movimento do maravilhamento interior à ação concreta, que se delinea o horizonte do próximo tópico, no qual será discutida a espiritualidade hescheliana como um projeto ético capaz de responder aos desafios do mundo contemporâneo.

4.2. Do maravilhamento à ação: A espiritualidade hescheliana como projeto Ético para o mundo contemporâneo.

Segundo Heschel, “a reverência é uma das respostas do homem à presença do mistério” (Heschel, 1974b, p. 35). Para o autor, a superação dos processos de desumanização passa pela reconexão com a dimensão espiritual da existência e pela redescoberta dos fundamentos éticos e da responsabilidade como expressões autênticas da condição humana. Ele propõe que, ao cultivar uma atitude de maravilhamento e gratidão, os indivíduos podem reverter a tendência modernista de objetificação do ser humano e resgatar a dignidade inerente a cada pessoa. A redescoberta do

"milagre" na vida cotidiana, que Heschel enfatiza, torna-se um ato de resistência contra a desumanização promovida pela sociedade moderna. Em última análise, a crítica de Heschel ao modernismo não é apenas uma análise das consequências de um mundo desumanizado, mas também um chamado à ação para que os seres humanos se reconectem com suas raízes espirituais e éticas, permitindo uma vida mais plena e significativa. Nesse sentido, a redescoberta da espiritualidade começa por um gesto interior de abertura e sensibilidade, pois, como afirmam Hazan e Pondé, “para Heschel, o começo da consciência espiritual é o maravilhamento diante do mundo e da vida, como uma reação profunda à realidade que nos interpela” (Hazan & Pondé, 2018, p. 69).

A visão de Heschel sobre a humanidade também implica um chamado à reflexão e à ação coletiva. Em um mundo marcado por divisões e conflitos, a proposta de um engajamento solidário se torna ainda mais relevante. A responsabilidade ética que emana da parceria com Deus não se limita à esfera individual, mas se estende à comunidade e à sociedade como um todo. Cada ato de compaixão e justiça se transforma em um passo rumo à construção de um mundo mais justo e equitativo. Nesse contexto, a espiritualidade se manifesta não apenas como uma experiência pessoal, mas como uma força mobilizadora que convoca a coletividade a agir em prol do bem comum, promovendo a inclusão e o respeito à dignidade de todos.

Além disso, Heschel nos convida a revisitar as tradições espirituais e os ensinamentos que nos moldam. A riqueza do pensamento judaico, com sua ênfase na ação prática e na vivência dos valores éticos, serve como um guia para o indivíduo contemporâneo. Ao resgatar a profundidade dessas tradições, podemos encontrar novos sentidos e propósitos na vida. A prática de ritmos espirituais, como o descanso sabático ou a celebração das festas, oferece uma oportunidade de reconexão com o sagrado e de renovação do compromisso com a justiça e a bondade. Assim, a espiritualidade se torna um caminho de resistência e esperança, essencial para enfrentar os desafios do mundo atual.

A proposta de Abraham Joshua Heschel de revisitar as tradições espirituais não se fundamenta em um saudosismo religioso, mas na compreensão de que essas tradições são fontes vivas de sentido e orientação ética. Em sua obra, Heschel apresenta a espiritualidade judaica como uma resposta concreta à fragmentação e ao esvaziamento existencial característicos da modernidade. A tradição, nesse contexto, não é um conjunto estático de rituais, mas um campo dinâmico de experiências que estruturam a vida humana ao redor de princípios como justiça,

compaixão, reverência e responsabilidade. Ao resgatar esses fundamentos, o indivíduo é chamado a redescobrir sua identidade espiritual e a reconhecer seu papel ativo na criação.

O pensamento judaico, conforme interpretado por Heschel, destaca a centralidade da ação prática como expressão da fé. Diferente de uma religiosidade baseada exclusivamente em crenças ou dogmas, a espiritualidade judaica valoriza o cumprimento de *mitzvoth*⁸ (mandamentos) como modo de incorporar o sagrado no cotidiano. A vivência ética é, portanto, indissociável da espiritualidade, uma vez que esta não se realiza apenas na contemplação, mas sobretudo no compromisso com o outro. A justiça social, o cuidado com os vulneráveis e a responsabilidade pelo mundo são dimensões da espiritualidade que não podem ser negligenciadas. Assim, o retorno às tradições espirituais não visa um isolamento interior, mas uma inserção transformadora na realidade.

Dentro dessa perspectiva, os ritmos espirituais instituídos pelas práticas religiosas, como o *Shabat*⁹ (descanso sabático) ou as festividades litúrgicas, funcionam como formas de reconexão com o sagrado e de reorientação do tempo e da existência. O descanso sabático, por exemplo, é interpretado por Heschel como um “palácio no tempo”, em que o ser humano se liberta da lógica produtivista e utilitária da sociedade moderna para reencontrar o sentido da presença, da comunhão e da gratidão. As festas judaicas, por sua vez, ritualizam momentos históricos e espirituais que reafirmam a esperança, a memória coletiva e o pertencimento. Esses ritos interrompem o ciclo da alienação moderna, oferecendo pausas de sentido em meio à rotina fragmentada da vida contemporânea.

Dessa maneira, a espiritualidade, na concepção hescheliana, torna-se um caminho de resistência cultural e ética. Em uma sociedade marcada pela velocidade, pelo consumo e pela indiferença, a retomada das tradições espirituais constitui uma forma de reumanização. A espiritualidade não apenas inspira, mas exige uma postura ativa diante da vida, um engajamento com os valores que sustentam a dignidade humana. Por isso, ela se apresenta como uma esperança possível frente aos desafios contemporâneos, não como fuga ou consolo, mas como força

⁸ *Mitzvoth* (מצוות) é o plural de *mitzvá*, termo hebraico que significa "mandamento" ou "preceito". Na tradição judaica, refere-se às 613 instruções divinas contidas na Toráh, que orientam a vida moral, ritual e comunitária do povo judeu. Essas prescrições abrangem desde normas éticas até práticas litúrgicas e são consideradas expressões da aliança entre Deus e Israel.

⁹ *Shabat* (שַׁבָּת), ou *Sábado*, é o dia sagrado de descanso semanal na tradição judaica, observado do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado. Instituído como o sétimo dia da Criação, é marcado pela cessação do trabalho e pela dedicação à espiritualidade, à família e ao estudo. Representa uma lembrança da aliança entre Deus e Israel e é um dos principais *mitzvoth* da Toráh.

regeneradora que impulsiona o indivíduo a viver com profundidade, responsabilidade e sentido. Assim, as tradições, longe de aprisionar o sujeito ao passado, oferecem recursos para construir um futuro mais ético, justo e compassivo.

O filósofo nos lembra da importância de cultivar um olhar crítico e reflexivo, que nos permita discernir as realidades do nosso tempo e agir de acordo com nossos valores mais profundos. A capacidade de questionar e de se colocar em busca do que é justo e verdadeiro é uma marca distintiva da humanidade. Essa busca, quando feita em diálogo com o outro, enriquece nossa compreensão e nos aproxima das diversas experiências humanas, promovendo uma cultura de respeito e empatia.

Por fim, a proposta de Heschel não é apenas um chamado à responsabilidade, mas também uma celebração da vida em sua plenitude. A capacidade de maravilhar-se diante do mundo e de reconhecer a beleza que nos cerca é uma forma poderosa de conexão com o divino. Através da apreciação da natureza, da arte e das relações humanas, encontramos uma expressão da experiência espiritual que nos envolve e nos transforma. Ao abraçar essa visão, somos convidados a viver com intencionalidade, buscando maneiras de contribuir para um mundo onde a justiça, a compaixão e a paz sejam não apenas ideais, mas realidades vividas. Essa é a verdadeira missão do ser humano, conforme delineada por Heschel: ser um cocriador de um mundo mais harmonioso e justo.

4.3. Autodiscernimento e imagem divina: A redescoberta do humano em Heschel.

Reconstruir a imagem divina presente na humanidade implica percorrer um caminho de interiorização e consciência de si. Tal percurso não se restringe a uma introspecção psicológica ou a um exercício de autoanálise em sentido subjetivista; trata-se de um movimento espiritual que resgata no ser humano sua condição relacional com o sagrado. A tradição bíblica, interpretada por Abraham Joshua Heschel, não apresenta a imagem de Deus no ser humano como um dado estático, mas como uma vocação: ser símbolo vivo da presença divina no mundo. Nesse sentido, restaurar essa imagem é recuperar a dignidade da existência e reorientar o sentido da liberdade humana, não como autonomia desvinculada, mas como resposta ética e sensível ao chamado do mistério. O retorno a si mesmo é, portanto, também um retorno ao outro e ao transcendente.

O conceito de autodiscernimento em Heschel está profundamente vinculado à noção de responsabilidade. O ser humano é convocado a discernir não apenas sua identidade individual,

mas seu papel no mundo enquanto portador de significado. A verdadeira liberdade, nesse horizonte, não reside na capacidade de escolha ilimitada, mas na escuta ativa do que lhe é exigido. A religião começa com a consciência de que algo nos é exigido, deslocando o foco da experiência religiosa do sentimento subjetivo para a responsabilidade objetiva. Autodiscernir-se é, assim, reconhecer-se como interlocutor do divino, atravessado por uma inquietação ética que impele à ação. Tal concepção contraria os modelos modernos de subjetividade centrada no consumo, na performance.

Essa escuta ativa do que é exigido não se dá por mera introspecção, mas por uma abertura radical ao Outro, ao divino que interpela e ao próximo que clama. No pensamento hescheliano, o ser humano não é compreendido como um ente isolado, mas como uma existência em relação, cuja identidade se constrói na resposta à presença do mistério. Autodiscernir-se, nesse sentido, é descentrar-se, reconhecer-se como partícipe de uma alteridade maior que o convoca à responsabilidade. É nesse deslocamento, da autonomia como dominação à liberdade como resposta, que se reconfigura a dignidade humana como reflexo da imagem divina, não em termos de posse, mas de vocação. No que se refere à responsabilidade humana, Baccarini (2002) destaca que... “O homem não é apenas criatura, mas interlocutor de Deus; sua liberdade é o espaço onde o *pathos* divino se manifesta como chamado à responsabilidade.”.

A imagem divina não se reduz a uma marca estática, mas representa uma tarefa: ser imagem é tornar-se presença significativa no mundo. O autodiscernimento, por sua vez, opera como o processo pelo qual o indivíduo reconhece essa vocação e se engaja na construção de uma existência sensível ao sagrado. Nesse horizonte, religião e ética não se dissociam; ambas convergem na responsabilidade concreta diante da vida. A redescoberta do humano, na obra hescheliana, passa, portanto, pela revalorização do silêncio que escuta, da consciência que se deixa interpelar e da ação que transforma. Em contraste com os modelos de subjetividade funcional e instrumentalizados pela lógica da eficiência, Heschel propõe um ser humano que se realiza ao responder, com reverência e compromisso, ao apelo que o transcende e o sustenta.

Para Heschel, compreender o que significa ser humano exige mais do que uma descrição antropológica; exige um compromisso existencial. O ser humano não é apenas um agente racional, nem um indivíduo isolado em busca de satisfação pessoal. Ele é, acima de tudo, um ser em relação com o tempo, com a história, com o outro e com Deus. Essa compreensão desloca o debate antropológico do campo da funcionalidade para o da alteridade. A dignidade do ser humano não se mede por sua capacidade produtiva ou por seus êxitos materiais, mas pela sua abertura ao

mistério e pela sua resposta ao sofrimento alheio. Nesse sentido, o autodiscernimento não é um fim em si, mas um meio para reconectar-se com o que há de essencial: a vocação de ser mais do que um objeto do mundo, de tornar-se presença ética no mundo.

Essa concepção hescheliana confronta diretamente as estruturas modernas orientadas pela lógica do desempenho e da eficiência. A lógica da produção moderna, ao reduzir o ser humano a uma engrenagem funcional, esvazia sua interioridade e compromete sua capacidade de responder ao sagrado. O tempo, ao ser instrumentalizado, perde sua densidade espiritual e transforma a existência em uma sucessão de tarefas destituídas de sentido. Nesse contexto, o autodiscernimento torna-se um ato de resistência. Discernir-se é recuperar a dimensão qualitativa do tempo, restaurar o vínculo entre interioridade e ação, entre escuta e responsabilidade. O indivíduo que autodiscerne é aquele que se nega a ser apenas instrumento e reivindica para si o direito de ser presença viva e significativa.

O autodiscernimento não é apenas um ato cognitivo, mas uma resposta ética e sensível a essa presença que interpela. Trata-se de uma experiência que resgata o vínculo entre interioridade e transcendência, desafiando a estrutura antropológica moderna baseada na coisificação da subjetividade. Como afirma o autor: “Que o sentido do inefável seja uma consciência de algo significativo é indicado pelo fato de que a resposta interna que evoca é o temor ou a reverência.” (Heschel, 1974b, p. 33), essas respostas são intrínsecas ao cultivar diante do mundo e de si mesmo a busca pelo autodiscernimento, o indivíduo participa de uma dinâmica autorreveladora, em que a identidade humana se configura como espelho da alteridade divina. Isso exige, contudo, uma suspensão da autossuficiência, característica do ideal de sujeito moderno, e a assunção de uma vulnerabilidade criativa que o religa à totalidade da vida. Nesse sentido, a imagem divina não é um atributo estático, mas uma vocação dinâmica que se manifesta na escuta, na compaixão e na responsabilidade diante do outro e do mundo. Heschel, ao enfatizar o papel da reverência, do maravilhamento e da ação ética, oferece uma via espiritual e crítica de reumanização frente à fragmentação existencial contemporânea.

Diante disso, a proposta de Heschel adquire uma força restauradora. Em vez de adaptar a espiritualidade aos moldes do pragmatismo moderno, ele propõe um reencontro com as raízes do humano a partir da escuta do clamor do sagrado. O autodiscernimento torna-se, então, uma forma de reconstrução da imagem divina, não por uma imposição externa, mas por uma tomada de consciência que integra interioridade, ética e transcendência. Ser humano, nessa perspectiva, é

aceitar o desafio de viver responsabilmente, mesmo em meio à banalização da vida promovida pela racionalidade técnica. Assim, o pensamento de Heschel convida a uma reumanização da existência, onde a imagem divina não é uma metáfora abstrata, mas uma realidade que se manifesta na escuta, na compaixão e no compromisso.

A reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho aponta para a urgência de se repensar a condição humana a partir de uma antropologia comprometida com a dignidade, a interioridade e a sacralidade do ser. Segundo Silva Nogueira e Ferreira de Lima (2022), “a humanidade, ao invés de humanizar, muitas vezes animaliza o ser humano, provoca falta de consciência e o distancia de sua realização.” Essa animalização ocorre frente à crise de sentido característica da modernidade e suas expressões mais agudas como o produtivismo, o individualismo e a dessacralização da vida e interpela a humanidade a uma resposta ética e espiritual que reorienta o olhar sobre o indivíduo. A centralidade do humano, no entanto, não se expressa em termos de supremacia antropocêntrica, mas de relação: é no vínculo com o mistério, com o outro e com a transcendência que a identidade se reconstrói. Assim, a crítica proposta desloca-se do paradigma racionalista para um horizonte de sensibilidade e responsabilidade diante da existência.

A argumentação sustenta-se na ideia de que há uma falência do simbolismo religioso convencional quando este é reduzido a linguagem ou representação, pois o ser humano não é apenas um produtor de símbolos, mas ele mesmo é símbolo, não por substituição, mas por participação real. Tal concepção recusa qualquer tentativa de dissociar espiritualidade de corporeidade ou de restringir a experiência do sagrado ao plano conceitual. A simbologia humana, entendida como reflexo da imagem do sagrado, exige uma postura de coerência e ação, que ultrapasse os limites da fé intimista e se realize na prática ética. Neste sentido, os comentaristas heschelianos concordam que se aponta para a necessidade de recuperar a inteireza do ser humano como um ser dialógico, atravessado por tensões espirituais e compromissos históricos.

Ao integrar a noção de compaixão como traço constitutivo da relação entre o divino e o humano, a proposta crítica torna-se também um convite à superação da indiferença contemporânea. A sensibilidade ética sugerida não opera a partir de um ideal abstrato, mas da experiência concreta de sofrimento, injustiça e exclusão, que exige resposta ativa. A vocação profética, longe de ser privilégio de poucos, é apresentada como uma possibilidade humana universal, que emerge no encontro com o outro e com o sentido mais profundo da existência. Dessa

forma, a experiência religiosa deixa de ser um mecanismo de evasão para se tornar um impulso transformador da realidade.

Por fim, reafirma-se que a reumanização só será possível se houver um esforço coletivo de reconexão com aquilo que há de mais fundamental na experiência humana: o reconhecimento de que a vida é relacional, finita e portadora de sentido. A ética, portanto, não é um suplemento da espiritualidade, mas sua consequência direta. O desafio contemporâneo está em romper com os simulacros de identidade e restaurar o compromisso com a verdade do ser. A proposta, então, não se limita a um resgate do religioso, mas à recuperação da consciência de que o humano só se realiza plenamente quando se compreende como parceiro do sagrado na tessitura da existência.

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa desenvolveu a reflexão de Abraham Joshua Heschel sobre a condição humana frente aos desafios da modernidade tecnocrática e produtivista. Partindo da concepção de que o ser humano é um ente marcado pela abertura ao transcendente, a análise revelou que, para Heschel, a dignidade humana não é um dado natural, mas uma vocação espiritual e ética que se realiza na relação com o sagrado e na responsabilidade pelo outro. Nesse sentido, o trabalho demonstrou como o pensamento hescheliano reconfigura a antropologia filosófica ao situar o ser humano não como senhor do mundo, mas como cocriador sensível ao mistério da existência.

Ao longo do percurso, evidenciou-se que a desumanização é, antes de tudo, uma crise de sentido. A racionalidade instrumental, ao reduzir a existência à lógica da utilidade e da eficiência, fragmenta a interioridade e anula o espanto diante do real. O produtivismo moderno, ao esvaziar o tempo de sua sacralidade e converter o humano em recurso, promove não apenas alienação, mas uma verdadeira mutilação espiritual. A crítica de Heschel, portanto, é incisiva: a técnica sem reverência, a ação sem consciência, resultam em barbárie camuflada sob o verniz do progresso.

Em contraponto, Heschel propõe uma antropologia fundada na espiritualidade ativa, na qual o sentido do inefável não é um luxo metafísico, mas a chave para a reumanização da existência. O ser humano, nesse contexto, é convocado a recuperar a sensibilidade ao sagrado, não como fuga do mundo, mas como base de sua ação ética. O sentido da vida emerge da capacidade de maravilhar-se, de reconhecer a alteridade e de assumir a responsabilidade pelo mundo. Assim, o mistério não paralisa: mobiliza. Ele não obscurece a razão, mas a amplia, tornando-a permeável àquilo que escapa à lógica instrumental.

A *teshuvá*, compreendida como retorno, apresenta-se como movimento central no processo de reumanização. Esse retorno não é regressão nostálgica, mas gesto criador: reconduz o ser humano ao eixo ético da existência. Em Heschel, retornar é reconectar-se com a imagem divina que habita cada ser, é responder ao clamor do sagrado que perpassa a história e a consciência. Trata-se de romper com a apatia espiritual que alimenta a indiferença contemporânea, redescobrimdo o tempo como espaço de sentido e a ação como extensão da reverência.

Nesse horizonte, a espiritualidade não se dissocia da prática social. Ao contrário, ela se revela na compaixão ativa, no cuidado com os vulneráveis, na denúncia das estruturas que desfiguram o humano. A proposta hescheliana convida a religar o que a modernidade separou:

razão e fé, tempo e eternidade, corpo e espírito. Esse processo não é uma síntese fácil, mas uma tensão criativa que exige discernimento e coragem. A ética, nesse quadro, não é suplemento da religiosidade, mas sua expressão concreta: é na justiça, na hospitalidade e na solidariedade que o divino se torna visível.

A crítica de Heschel não é meramente destrutiva; ela é profética. Aponta os riscos da idolatria moderna, seja da técnica, do mercado ou da produção desenfreada, e anuncia a possibilidade de um outro modo de ser. Tal possibilidade passa por um novo olhar sobre o humano: não mais como consumidor de experiências ou executor de tarefas, mas como ser capaz de escutar, de responder e de amar. Essa é a verdadeira imagem divina: não uma essência estática, mas uma vocação dinâmica inscrita no cotidiano da existência.

Nesse sentido, o pensamento de Heschel oferece à filosofia contemporânea uma antropologia alternativa, profundamente marcada pela espiritualidade e pela alteridade. Sua proposta se insere no debate atual sobre os limites da racionalidade moderna e a busca por novos fundamentos éticos. Em tempos de crise ambiental, social e subjetiva, sua ênfase no espanto, na responsabilidade e na sacralidade da vida adquire relevância urgente.

Por fim, a reumanização proposta por Heschel exige um esforço contínuo de autodiscernimento e abertura. A vida não é um problema a ser resolvido, mas um mistério a ser vivido com reverência. O ser humano, em sua fragilidade e grandeza, é chamado a colaborar na tessitura do sentido, reconhecendo que a existência só se realiza plenamente quando orientada pela consciência do outro e pelo assombro diante do infinito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. Livro I, 1253a.
- BACCARINI, E. **O homem e o pathos de Deus**. In PENZO, G. e GIBELLINI, R. (orgs.). Deus na Filosofia do século XX, 3ª ed. (pp. 25-36). Edições Loyola, 2002.
- D'ALMEIDA, José Carlos. **A Palavra e o Silêncio: fundamentos da antropologia da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.
- HAZAN, M. G. & Pondé, L. F. **A Presença de Deus no Ser Humano segundo Heschel**. 2018. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2018.1.29723>
- HESCHEL, A. J. **Deus em busca do homem**. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: Editora Arx, 2006.
- HESCHEL, A. J. **O homem não está só**. Tradução de Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Editora Paulinas, 1974b.
- HESCHEL, A. J. **O homem à procura de Deus**. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Editora Paulinas, 1974a.
- HESCHEL, A. J. **Nenhuma religião é uma ilha** In: HESCHEL, Abraham Joshua. O último dos profetas: uma introdução ao pensamento de A. J. Heschel; tradução Tereza Tillet. 2. ed. – São Paulo: Comunidade Shalom, 2021.
- KÊHÍRI, Tõrāmu.; PĀRŌKUMU, Umusī. **Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehiripõrã** / 2. ed. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira FOIRN, 1995.
- LEONE, A. G. **A Imagem Divina e o Pó da Terra: humanismo sagrado e crítica da modernidade em A. J. Heschel**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- LIMA, Narcélio Ferreira de.; NOGUEIRA, Emivaldo Silva. **O homem está morto: a antropologia de A. J. Heschel como caminho de humanismo e crítica à modernidade**, 2022. *Perseitas*, 10, 471-494. DOI: <https://doi.org/10.21501/23461780.4467>
- VOEGELIN, Eric. **Hitler e os alemães**. Tradução de Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2008.
- SÓFOCLES. **Antígona: Tragédias Completas**. Tradução JAA Torrano. Cotia: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra: Mnema, 2022.